

CAPIBARIBE - RECIFE

2024

para mainha

*A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro*

(João Cabral de Melo Neto)













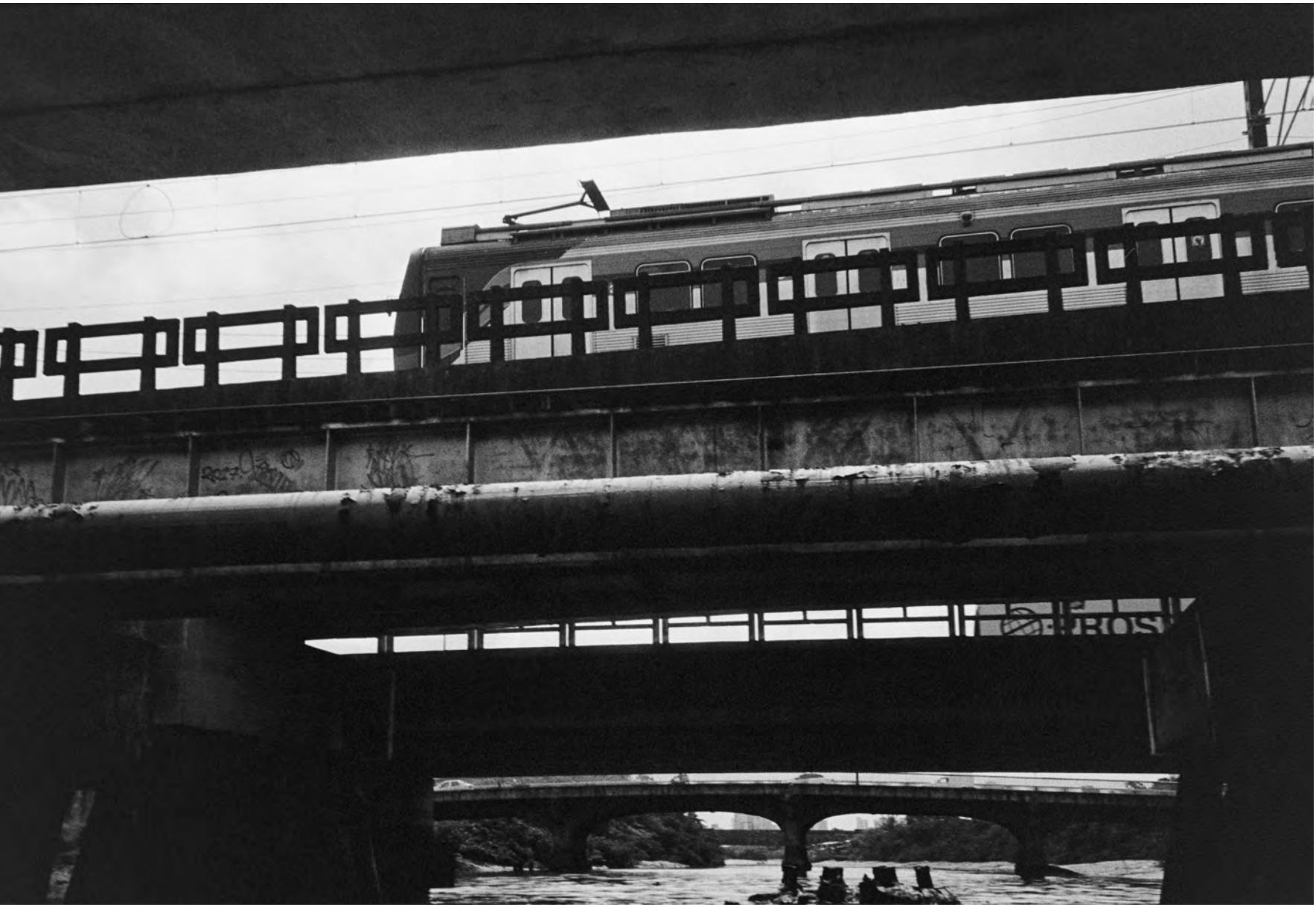










































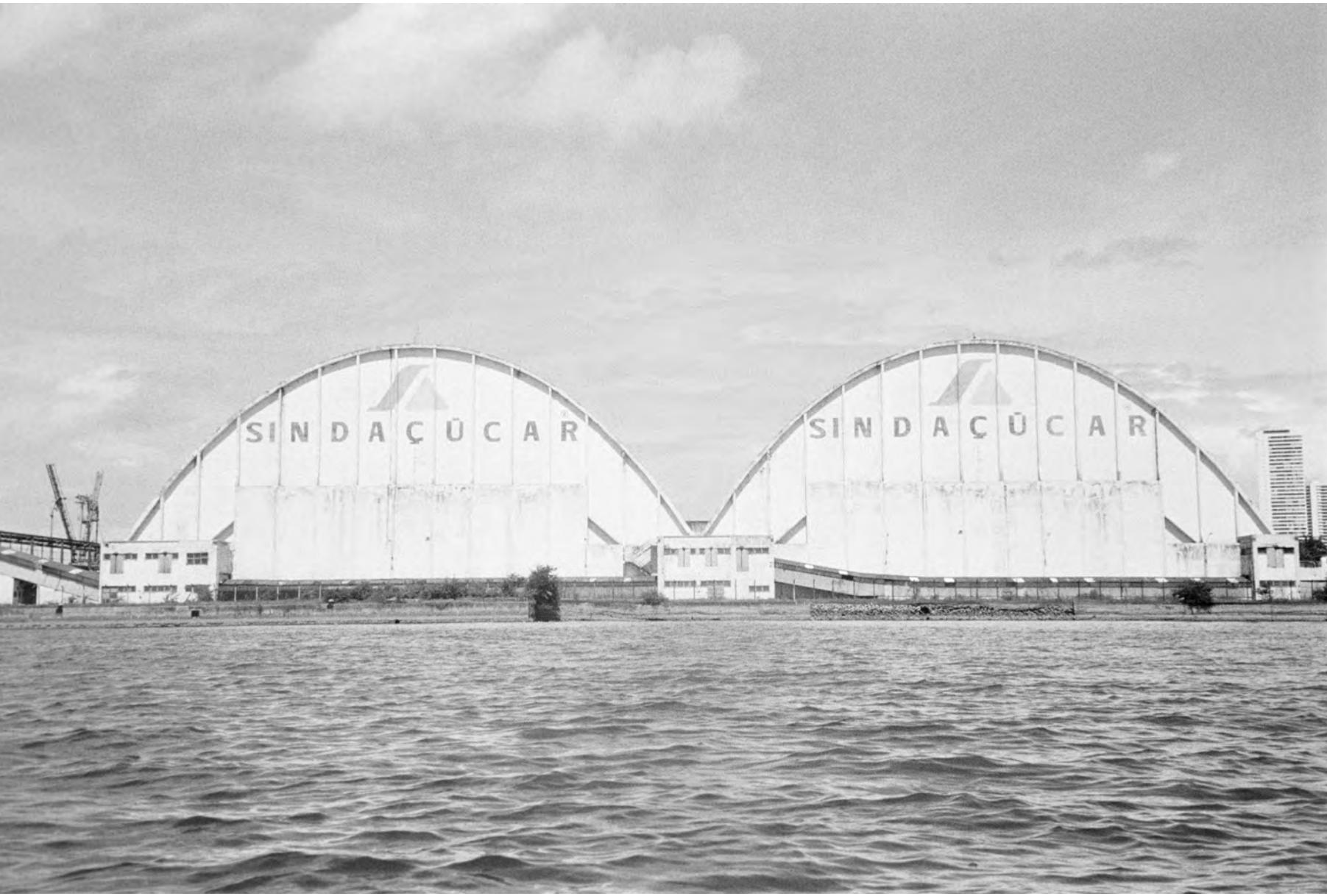






























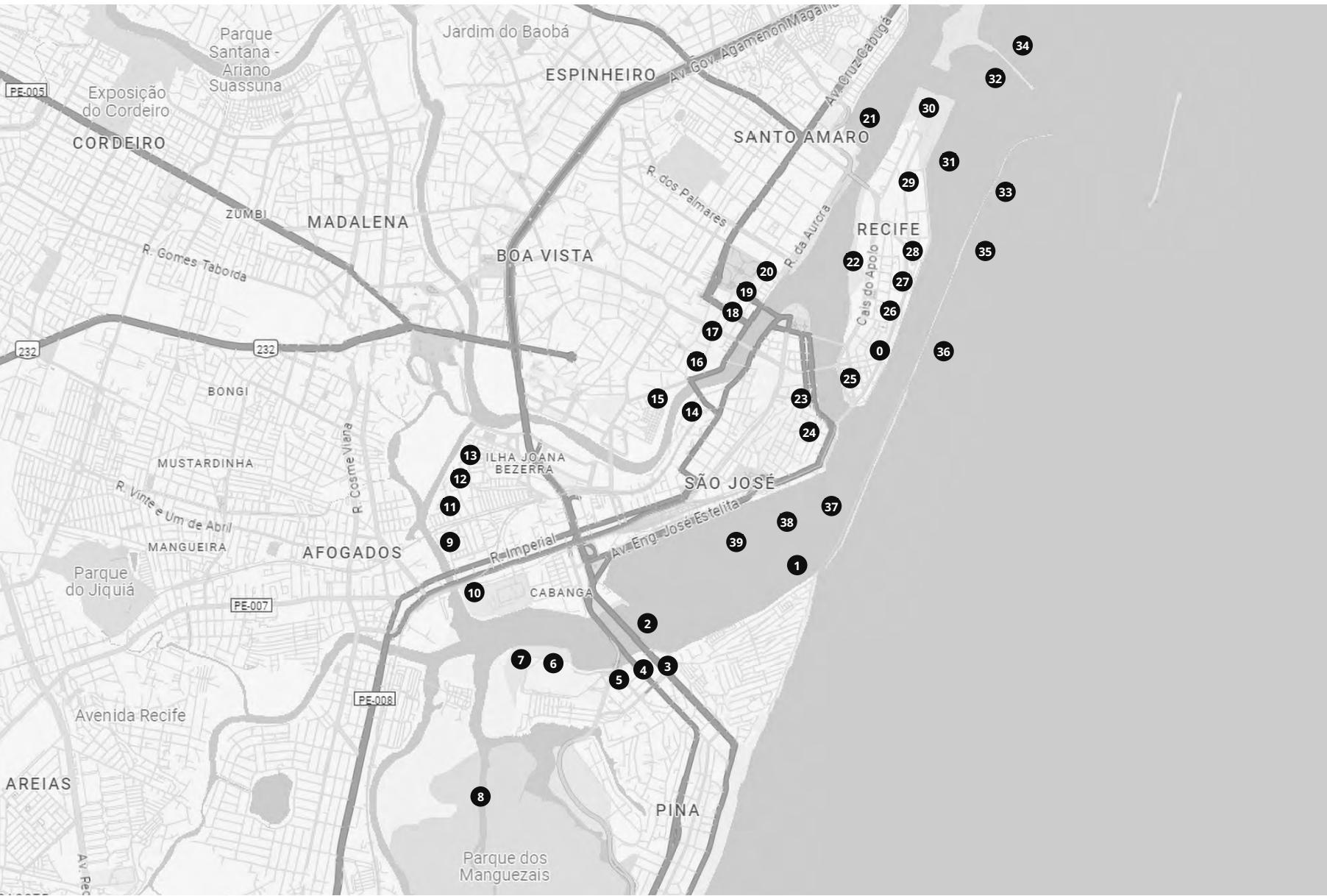
DISCURSO DO CAPIBARIBE

Eu já imaginava o que encontraria ao percorrer o rio. A paisagem foi se tornando íntima ao longo dos cinco anos em que morei no Recife. Mas, sentir sua força, seu cheiro, ver de perto as maravilhas e horrores que se apresentam encadeados em sua margem, é muito mais espesso.

Remando um simples caiaque, busquei viver o Capibaribe da forma mais integrada possível. Tive medo. Porque sabia que era arriscado transitar assim, tão vulnerável, um rio urbano, sem conhecer seu comportamento. E, de fato, da primeira vez que descii, fiquei três dias paralisado, processando tudo.

Sob as pontes, o vento e a correnteza se afunilavam. Era difícil se equilibrar e remar as longas distâncias. A maré alterava toda sua estrutura, seu temperamento. Os pescadores me avisavam das mudanças. Uma vez só consegui chegar na orla ao anoitecer. Em muitos momentos, ele se transformava em uma vala, onde se descarta todo o lixo, o esgoto das casas sem saneamento, onde se criam porcos, cavalos, urubus, mangues, hospitais. Casas feitas de nada, compensado, outdoors, papelão. A água podre acabava espirrando. Fedia. Mas também renascia, entre a lama, nos mariscos, nas ostras, nos peixes que alimentam, que sustentam, nos barcos e navios que o trafegam, espelhados, em seu encontro com o mar.

A centralidade do rio, e a forma com que ele atravessa a cidade, justapõem realidades opostas. Rompe limites que existem em um trajeto terrestre. Um shopping sucede imediatamente um denso manguezal. Trens, palafitas, torres espelhadas, ruínas, casarões, modernas construções, imensos blocos de pedra, grafites, faróis, armazéns de açúcar. Revelam as marcas deixadas pelo passado, apontam para um futuro em disputa.



Marco Zero



Porto Terra Nova
e Brasília Teimosa



Ponte do Pina



Comunidade de palaftas,
incendiada em 2022



Cais



Bacia do Pina



Shopping Rionar



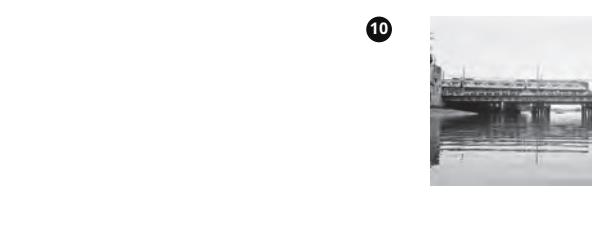
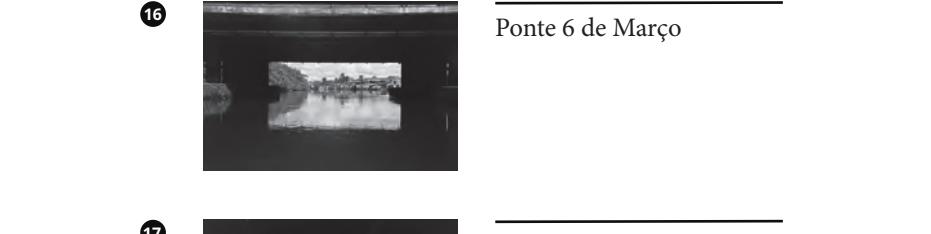
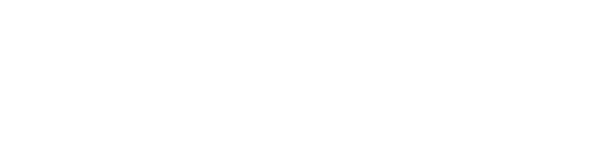
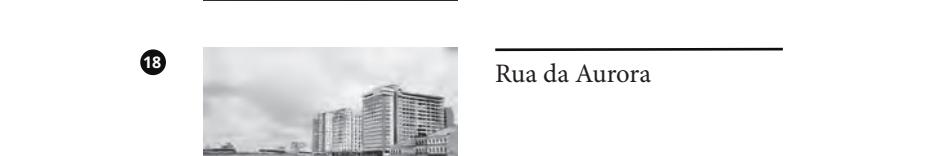
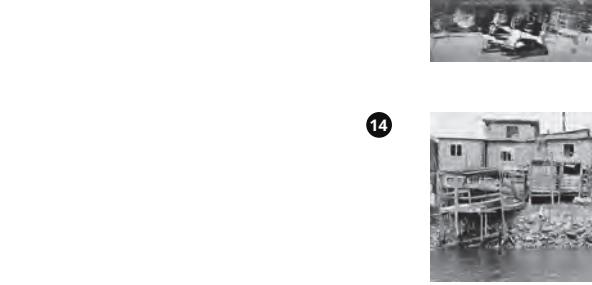
Empresarial Rionar Trade
Center e ruínas do píer



Parque dos manguezais

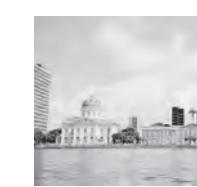


Metrô

				<p>10 Avenida Sul e metrô</p>	
				<p>11 Mangue</p>	
				<p>12 Casas entre os manguezais</p>	
				<p>13 Comunidade do Coque</p>	
				<p>14 Comunidade dos Coelhos</p>	



Assembleia Legislativa e
Escola de Referência



Ponte 12 de Setembro e
antiga Ponte Giratória



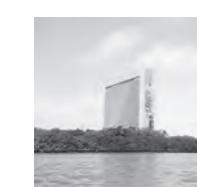
Rua da Aurora



Museu Cais do Sertão



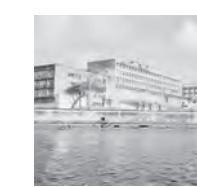
Prefeitura do Recife,
Grafite de Kobra



Avenida Martins de Barros



Ponte 12 de Setembro



Escadas do Porto do Recife



Silos



30

Armazéns de açúcar



31

Navio mercante



32

Farol da divisa de Olinda



33

Farol do Recife



34

Quebra-mar



35

Muros sobre os arrecifes



36

Parque de Esculturas Francisco Brenand



37

Avenida Brasília Formosa e Brasília Teimosa



38

Cais José Estelita e Projeto Novo Recife



39

Cais José Estelita e bairro de São José



CAPIBARIBE-RECIFE foi produzido de 2021 a 2024, em fotografia analógica. Os registros foram feitos a caiaque, por 7 meses, e desenvolveu-se como Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais da USP, sob orientação de João Musa.

Livro em fontes Minion Pro e Noto Sans, papel Garda Kiara 135g/m², impressão e acabamento Ipsis, tiragem:15.

SILVA, Rafael Leão

Capibaribe - Recife / Rafael Leão Silva; orientador, João Luiz Musa. - São Paulo, 2024.

112 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Fotografia - Recife (PE). I. Musa, João Luiz. II.
Título.
CDD 21.ed. - 770

CAPIBARIBE-RECIFE foi produzido de 2021 a 2024, em fotografia analógica. Os registros foram feitos a caiaque, por 7 meses, e desenvolveu-se como Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais da USP, sob orientação de João Musa.

Livro em fontes Minion Pro e Noto Sans, papel Garda Kiara 135g/m², impressão e acabamento Ipsis, tiragem:15.

SILVA, Rafael Leão

Capibaribe - Recife / Rafael Leão Silva; orientador, João Luiz Musa. - São Paulo, 2024.

112 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Fotografia - Recife (PE). I. Musa, João Luiz. II.
Título.
CDD 21.ed. - 770

RECIFE

Tudo começou por amor a uma cidade.

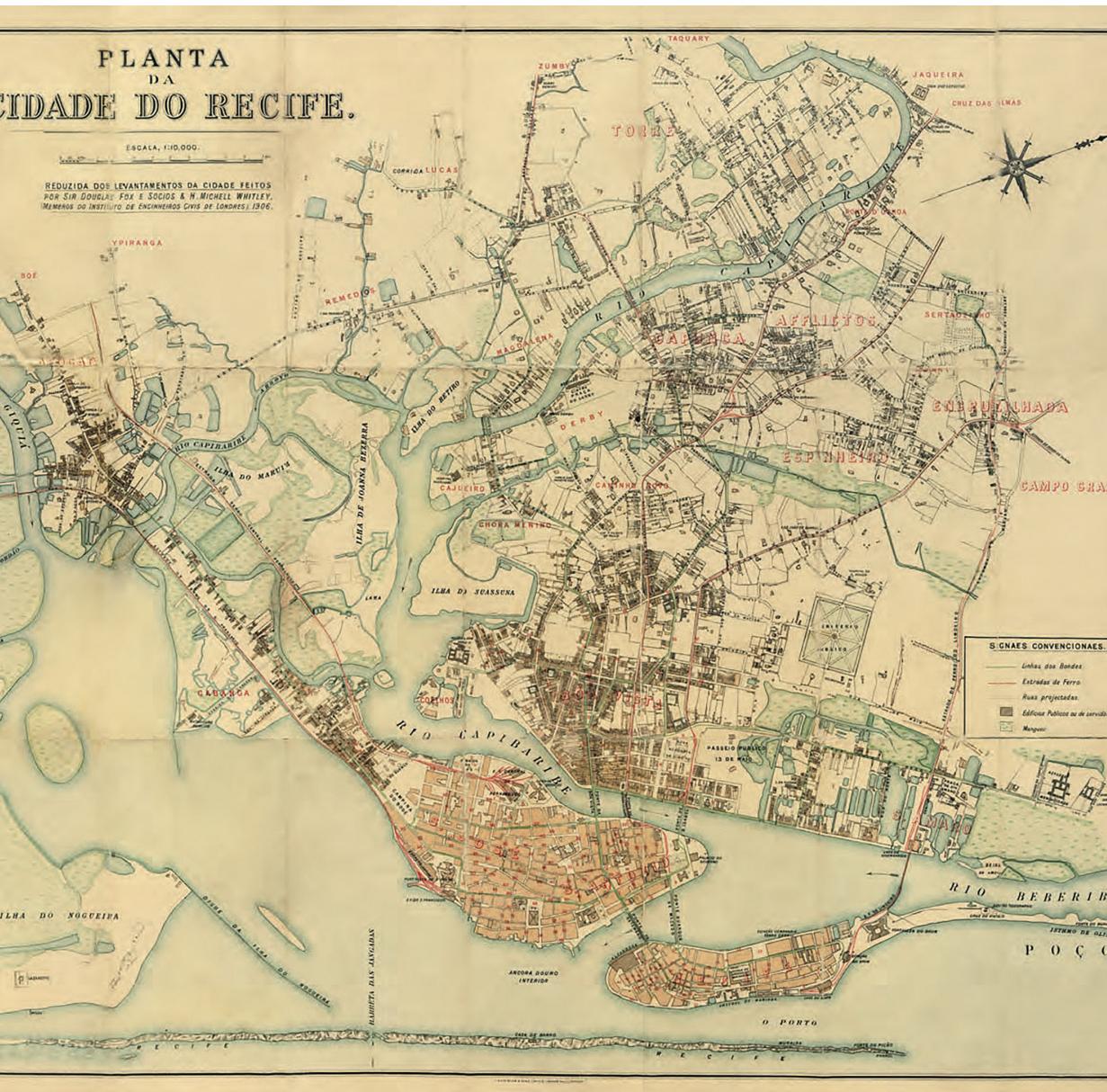
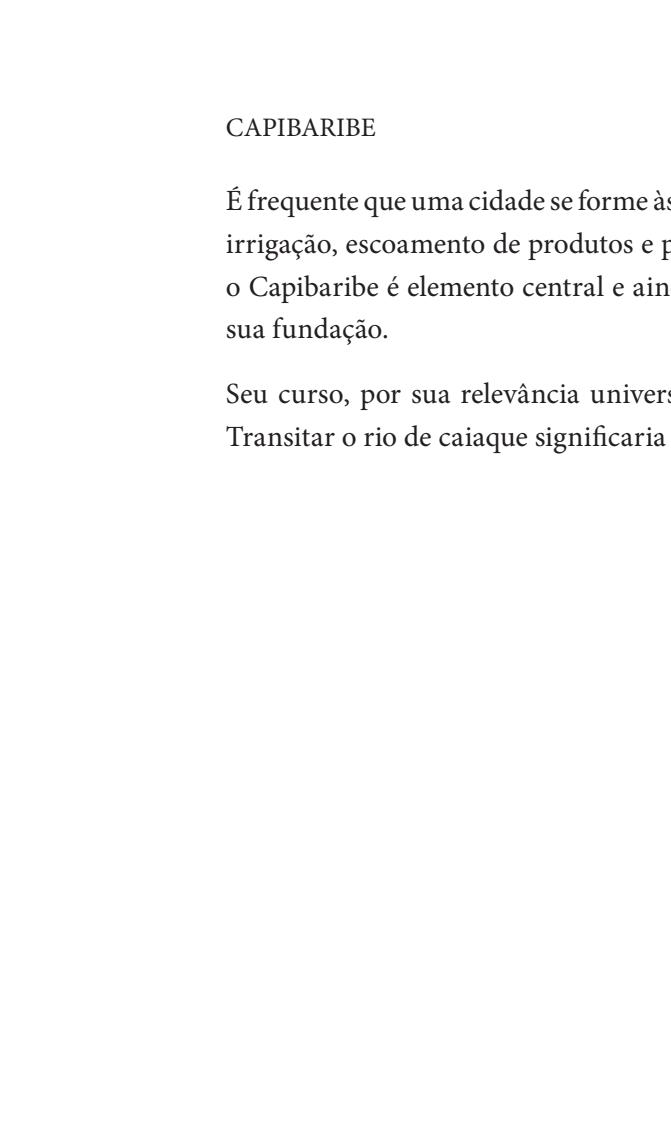
Procurava um bom lugar pra morar e cursar Direito. A Faculdade de Recife era uma grande referência. Coincidemente, na época estava muito envolvido com a cultura pernambucana, na literatura, na música, no cinema. Viajei por dez dias com o olhar de um possível morador e meu interesse se confirmou. Me encantei por sua paisagem, sua decadência, sua autenticidade, por sua vida noturna, o brega, o coco, os maracatus, pelo sol constante, o mar, a comida, as pessoas....

E ao longo dos cinco anos em que lá vivi, tudo foi se revelando ser ainda mais do que se apresentava de início. Há uma transgressão comportamental, uma efervescência política e cultural intensa, que me impactaram profundamente e estruturaram boa parte do que sou.

CAPIBARIBE

É frequente que uma cidade se forme às margens de um rio. Sua presença possibilita deslocamento, saneamento, irrigação, escoamento de produtos e pode até ser fonte de subsistência e local de moradia. No caso de Recife, o Capibaribe é elemento central e ainda hoje exerce todas essas funções, passados quase quinhentos anos de sua fundação.

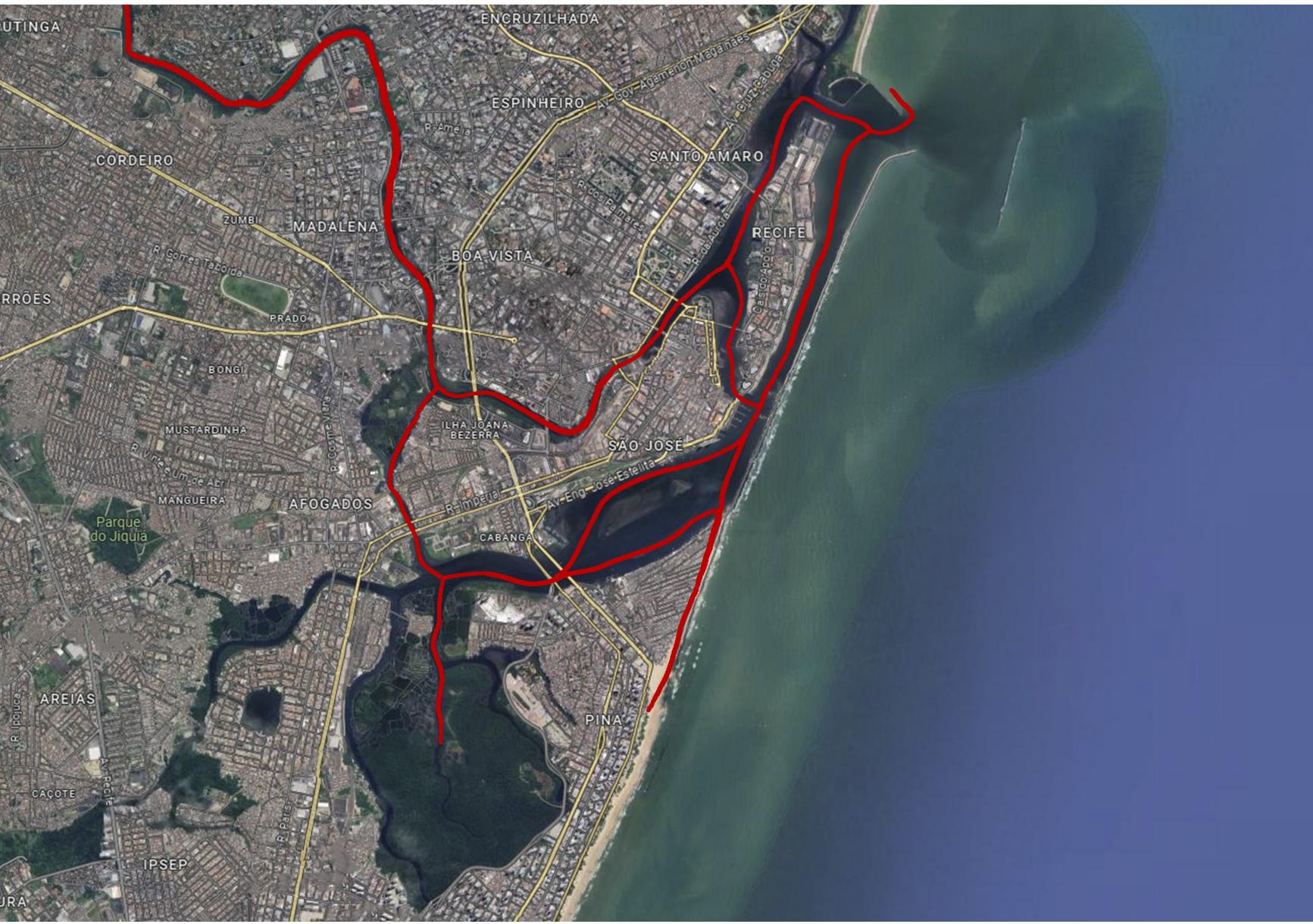
Seu curso, por sua relevância universal, perpassa todas as camadas urbanas, une realidades contrastantes. Transitar o rio de caiaque significaria conhecê-lo mais intimamente e de modo mais integrado possível.



Mapa do Recife, Douglas Fox (1906)

PERCURSO E EQUIPAMENTO

Caminhava dois quilômetros arrastando o caiaque pela orla até chegar onde rio e mar se encontram. Levava dois sacos estanques, para não molhar as câmeras, uma Olympus mju iii zoom 37,5-135 e uma Olympus rc, câmeras pequenas, discretas e silenciosas, portanto menos invasivas. Diversos filmes foram testados, prevalecendo o Kodak Trix 400, que apresentou uma densidade equilibrada de grãos e permitia capturas rápidas usando uma abertura baixa, o que amplia a profundidade de campo. Características adequadas para um caiaque em movimento e em ocasião que se quer retratar diversos planos da paisagem simultaneamente.



■ Percurso



PROCESSAMENTO

Para materializar as imagens capturadas, inúmeros processos são possíveis e necessários conforme o suporte final desejado. Um importante passo, no caso de trabalhos cuja matriz é analógica, é a digitalização dos negativos.

No decorrer do projeto pude comparar diferentes métodos, como a digitalização feita por scanner e pelo Toaster, aparelho em que se acopla a câmera a uma base, fotografando a película contra a luz. Outra comparativa foi com a conversão de cores feitas apenas pelo Photoshop e com o auxílio do programa Negative Lab Pro, que funciona como um plugin do Lightroom.

No caso, utilizou-se o Toaster, com uma Nikon D850 e uma lente Lente Nikkor Micro 105mm 1:2.8 G ED, o que permitiu gerar arquivos de alta qualidade, ampliando as possibilidades de tratamento e de escala da imagem a ser impressa.

O uso do scanner, entretanto, mostrou-se vantajoso em uma ocasião, quando o negativo tem muitas áreas de baixa exposição. Neste caso, o acetato está pouco opaco, portanto, a luz do Toaster acaba invadindo uma área considerável da imagem, formando vinhetas. Ainda assim, optei por aproveitar as imagens feitas com o Toaster, corrigindo posteriormente esses defeitos no Photoshop, para manter as mesmas características das outras.

Quanto às conversões, pôde-se chegar a resultados muito similares utilizando os dois métodos. Portanto, aproveitei imagens de ambas.

IMPRESSÕES

Foram testados diversos tipos de papéis, revestidos e sem revestimento, como o Pólen 90 g/m², Hahnemühle Rice Paper 100 g/m² e o Hahnemühle Photo Rag 188 g/m². Para cada um deles foi construído um perfil de cor, imprimindo um gráfico de cores e fazendo a leitura em um espectrofotômetro. O programa interpreta essas informações para que haja o máximo de correspondência entre o que se vê em uma tela calibrada e o que se imprime em determinado papel e impressora. A partir dos resultados, pode-se decidir qual a mídia mais adequada para cada finalidade.

Durante a pesquisa, foram utilizados o equipamento da X-rite e a impressora a jato de tinta Epson Surecolor P9000, que opera com 12 cartuchos de tinta, em pigmento mineral, possibilitando uma ampla reprodução de cores, a depender, também, da qualidade do papel.

AMPLIAÇÃO

A formação da imagem pela ampliação do negativo sobre o papel em gelatina de prata é a mais direta no caso da fotografia analógica. Isto evita os desvios das traduções feitas de um meio para outro. Além disso, a textura e a graduação de tons dos grãos de prata têm uma beleza e uma materialidade muito especiais.

Durante o processo, pude montar um laboratório em casa, preparei o espaço, os equipamentos e químicos necessários. Foram feitos diversos testes em papel Ilford Fibre Matte e Brilhante, com diferentes tempos e filtros de contraste, marcando a temperatura das soluções para tentar manter uma coesão entre as imagens.

A montagem de uma série de fotografias foi projetada para a exposição do Grupo de Pesquisa em Impressão Fotográfica, Em Prata, Tinta e Papel, ocorrida em agosto de 2024, o que também contribuiu como exercício de expografia.



EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

Foram capturadas aproximadamente 390 fotos, das quais 96 foram pré-selecionadas e impressas em provas de 15 x 10 cm, para avaliar e ajustar os tons e a nitidez de cada uma. As provas também foram importantes para experimentar diferentes relações e definir uma sequência que fosse fluida e ao mesmo tempo respeitasse espacialmente o curso do rio e contemplasse a diversidade dos cenários que se sucedem.

Houve uma pesquisa sobre o formato do livro e diversas proporções e espaçamentos foram testados até definir os que melhor se adequassem à proposta do ensaio.

Foram feitas visitas à gráfica Ipsis, para entender o processo de impressão digital e offset, e pude dialogar, planejar o orçamento, escolher o papel e o tipo de acabamento. Foram impressas duas edições, a primeira com o tamanho adequado ao aproveitamento da dimensão da folha padrão, com acabamento na própria gráfica; a outra, com o tamanho originalmente imaginado e acabamento artesanal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de percorrer o rio de caiaque e registrá-lo para fazer um livro me levou a muitos lugares.

Pude viver e entender a cidade como jamais faria se não houvesse esse pretexto. Estudar o processo de formação de imagem em cada suporte. Comparar e entender a característica de cada um deles. Publicar um livro, desenvolvendo e acompanhando cada etapa de sua produção. Experiências que criam uma base de conhecimento a ser aproveitada em futuros projetos.

Porque o percurso é mais importante que o fim, ensina o rio. E o fim se dá antes que as possibilidades se esgotem.